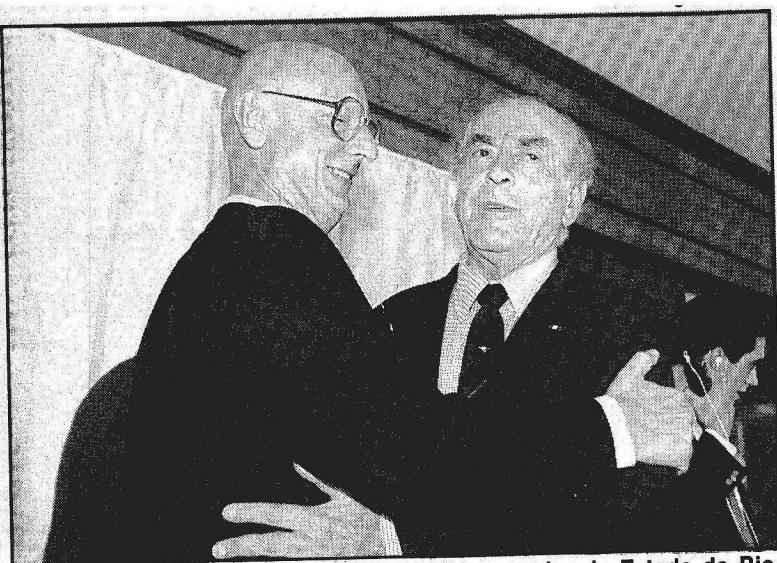




Leonel Brizola: falta gás ao PDT do ex-governador do Estado do Rio



Quécia: o "trator" do PMDB perde a fama de imbatível nas urnas

Brizola e Quécia, caciques que perderam suas tribos

IRANY TEREZA e
BERNARDINO FURTADO

Leonel Brizola, do PDT, e Orestes Quécia, do PMDB, dois caciques políticos, são os grandes perdedores desta eleição. Brizola, ex-presidente do PDT, baseava suas esperanças de chegar ao Planalto na força de seu discurso nacionalista, com ênfase para a educação. Afinal, fora com ele que se tornara governador do Rio Grande do Sul, em 1958, e por duas vezes governador do Rio, em 1982 e em 1990. Quécia, ex-presidente do maior partido do país, entrou na disputa com a fama de imbatível, capaz de reverter situações adversas. Afinal, ele já dera provas de sua força, quando, em 1986, ligou o seu "trator", esmagou os adversários e caminhou célere rumo ao Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo de São Paulo. Nesta campanha, porém, não funcionaram, segundo os institutos de pesquisa, nem o trator de Quécia nem o poder de convencimento de Brizola.

Brizola não exercitou com tanta desenvoltura a mordacidade que marcou as três campanhas disputadas — uma derrota para a Presidência, em 1989, e duas vitoriosas para o Governo do Rio — desde a volta de 15 anos de exílio político, em 1979. As frases de efeito, sua marca registrada, não foram poucas: comparou o Plano Real à bomba do Riocentro, dizendo que explodiria no colo de seus idealizadores; chamou o PT de "balaio de caranguejos"; tentou emplacar o apelido de jacaré em Fernando Henrique, mas não decolou.

Brizola nasceu em Carazinho, no interior do Rio Grande do Sul, há 72 anos. Aos 9 anos, o menino que era chamado de Itagiba pela mãe, Oniva, foi registrado com o nome Leonel, em homenagem ao líder maragato Leonel Rocha, ao lado de quem seu pai, José Brizola, morrera em combate contra os chimangos de Borges de Medeiros.

Em 1945, ele começou na política, quando ajudou a organizar e fundar o PTB, partido pelo

“Unidos, faremos um esquema que nos dará a vitória”

Brizola a Quécia, Amin e Maluf, em 12-06-94

“O PT já está fora do páreo e FH cairá no descrédito”

Orestes Quécia, em 14-08-94

“Se o fulano do PPR não quiser votar em mim, o problema é dele”

Esperidião Amin, em 21-08-94

qual se elegeu deputado estadual, prefeito de Porto Alegre e deputado federal. Um ano depois de graduar-se em Engenharia, casou-se com Neuza Goulart, irmã de João Goulart, em 1950. Foi governador do Rio Grande do Sul em 1958, e marcou sua administração pela construção de mais de seis mil escolas no estado. A educação sempre foi seu carro-chefe e a criação dos Cieps, sua logomarca.

Orestes Quécia, o mais mineiro dos políticos paulistas, como foi definido por Tancredo Neves, construiu tenaz e pacientemente a sua carreira política. Aos 56 anos, completados em 18 de agosto, deve perder uma eleição pela primeira vez desde que se tornou vereador de Campinas, em 1963, pelo antigo Partido Liberal.

Na eleição para o Senado, em 1974, derrotou o ex-governador Carvalho Pinto. Em 1986, para o Governo de São Paulo, destronou concorrentes de peso, como Paulo Maluf e Antônio Ermírio de Moraes. Na eleição seguinte, em 1990, emplacou o seu candidato, o atual governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury.

Nascido em Pedregulho, a 435 km de São Paulo, Quécia se saiu bem da acusação de, em seu governo, ter adquirido, sem licitação, US\$ 310 milhões em equipamentos israelenses destinados à polícia e universidades. O Superior Tribunal de Justiça (STJ) o absolveu, em agosto, em plena campanha deste ano.